



## A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA *REVISTA ALVORADA* DA IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO DOS ANOS 70 E 80 NO BRASIL

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3450

Daniela Emilena Santiago Dias de Oliveira, UNESP

### Resumo

A produção de revistas destinadas ao público feminino, no Brasil, remonta aos primeiros anos do século XX. Como expressão desse mercado editorial, no ano de 1969, tem-se o surgimento da *Revista da Mulher Presbiteriana Independente*, um dispositivo de comunicação vinculado à Igreja Presbiteriana Independente no Brasil. Essa Revista, ora denominada *Vida e Caminho*, mas que, até fins de 2017, se intitulava *Revista Alvorada*, propõe uma discussão com a Mulher, transmitindo a ela normas de conduta relacionada à vida cotidiana. Propõe-se, neste texto, uma análise da produção da revista nos anos 70 e 80, objetivando identificar a representação da Mulher nela expressa e considerando as mudanças no “papel feminino”, que são construídas na sociedade brasileira, sobretudo em decorrência da militância do Movimento Feminista. Realizou-se a análise de quatro números da revista, sendo dois produzidos nos anos 70 e dois, nos anos 80, tendo em vista os aspectos: Mulher e Família; Mulher e Educação dos Filhos; Mulher e Trabalho e Mulher e a igreja. Conclui-se que a Mulher representada na Revista é aquela preparada para o casamento heterossexual e para exercer os cuidados da casa, dos filhos e do marido. A educação orienta à formação nas áreas de prendas domésticas, ensinando a pintar, bordar e cozinhar, o que reporta ao entendimento de que essa Mulher não deveria exercer atividade laboral. Essa Mulher ocupa um papel na Igreja, voltado à caridade e à evangelização, mas não possui espaços de destaque. Por conseguinte, a Mulher representada na *Revista Alvorada* é uma mulher idealizada e construída segundo padrões que atendem à sociedade burguesa – e não a Mulher que lutava para ampliar seus direitos de igualdade.

### Palavras Chave:

Representação; Mulher; Revista Feminina.

## Introdução/Justificativa

A Igreja está nas mídias ou as mídias estão nas Igrejas? Pergunta de difícil resposta, mas da qual emana uma basal reflexão, para que possamos repensar a influência que a mídia tem tido na disseminação de ideais confessionais das Igrejas. Essa disseminação, para além de simplesmente difundir ideais religiosos, auxilia as Igrejas a divulgar padrões, referências de comportamento sociais. Em acréscimo, essa vinculação entre Igreja e mídias não é algo contemporâneo, porém, que está presente há um longo tempo.

A *Revista Alvorada* da Igreja Presbiteriana Independente é um exemplo de mídia utilizada para difundir postulados religiosos. Criada em 1969, no Brasil, então denominada *Revista da Mulher Presbiteriana Independente*, e nos anos 80, intitulada *Revista Alvorada Feminina*, buscava uma interlocução com o gênero feminino. Para isso, os artigos versavam sobre as questões da Igreja, assuntos relacionados à Revista e sobretudo sobre aspectos presentes na vida cotidiana das famílias.

A Revista, com uma tiragem média de 4.500 a 5.000 exemplares, nos anos 70, contudo, chegando até a alcançar a tiragem de 11.000 exemplares, no final dos anos 80, pode ser considerada um marco na produção de mídias para o público feminino, uma vez que temos uma quantidade expressiva para uma revista feminina, ainda mais para uma revista confessional. É importante pontuar que, nesse período, nem todas mulheres tinham acesso à educação, ou seja, muitas delas não sabiam ler. Além disso, é mister salientar que essa aquisição só poderia ser viabilizada por meio de assinatura prévia, uma vez que a revista não era vendida em bancas. Buitoni (2009) salienta que a

quantidade de tiragem de revistas nos diz da aceitação da mesma no mercado, já que as Revistas Femininas, nesse período, possuíam um público reduzido.

Há que se observar ainda que a Revista se destaca pelo longo período de sua existência, pois as revistas destinadas ao público feminino, nesse período, tinham vida curta. Buitoni (2009) aponta que as Revistas Femininas, em grande parte, chegavam a permanecer no mercado por cerca de um a dois anos, exceto as mais populares, como *Cláudia e Nova*, por exemplo. Portanto, a Revista em questão deve ser considerada uma referência, na medida em que conseguiu se manter por anos, no mercado, difundindo uma cultura que não era representativa de toda a sociedade, mas de grande parte dela.

Visando a apresentar e discutir alguns dos conceitos presentes na Revista, realizamos a análise de quatro números, dois dos quais produzidos nos anos 70 e dois, nos anos 80.<sup>1</sup> Como nosso olhar está interessado em conhecer a perspectiva de Mulher que é veiculada em tais mídias, e tendo em vista ainda a natureza deste trabalho, identificamos na produção em pauta os seguintes aspectos: Mulher e Família; Mulher e Educação dos Filhos; Mulher e Trabalho e Mulher e a Igreja. Na sequência, apresentaremos os resultados alcançados por meio deste estudo.

Cada um desses números da Revista possuía, em média, 20 artigos e 30 páginas. Há textos curtos, de uma página, assim como existem também poesias e crônicas. Todos os textos foram colaborações dos fiéis da Igreja Presbiteriana Independente e, apesar de haver um Conselho Editorial, nem sempre as matérias são escritas pelos representantes da Revista. Todas as Revistas trazem colaborações de pastores, todavia, os textos, em sua grande maioria,

<sup>1</sup> Para a elaboração deste artigo, nós nos reportamos às Revistas: *Alvorada Feminina*, número 4, trimestre outubro, novembro,

dezembro de 1984, e número 01, trimestre janeiro, fevereiro e março de 1985; número 4, trimestre outubro, novembro, dezembro de 1977, e número 2, trimestre abril, maio, junho de 1979.

são escritos por mulheres.

## Objetivos

Identificar e analisar a perspectiva de Mulher difundida pela *Revista Alvorada* da Igreja Presbiteriana Independente nos anos 70, no Brasil, considerando as perspectivas idealizadas para esse segmento, levando em conta sua inserção familiar, laboral e na Igreja.

## Resultados

Tendo em vista a adequação de nossas colocações à natureza dessa publicação, indicaremos os resultados obtidos após a realização da pesquisa, adotando como quesitos: Mulher e Família; Mulher e Educação dos Filhos; Mulher e trabalho e Mulher e Igreja.

De início, cabe enfatizar que os conceitos Mulher e Família e Mulher e Educação dos filhos são extremamente próximos e relacionados. De certa forma, a Mulher é apresentada como a grande responsável por cuidar da casa, da família, e isso se associa a exercer o cuidado com os filhos. O lar é por excelência o local da Mulher, ao passo que ao homem é permitido permanecer na rua.

No lar, compete à Mulher exercer todos os cuidados com a casa, desde a alimentação dos familiares, cuidado com a roupa e outros mais que se mostrem necessários. A mulher deve fazer tudo isso com grande satisfação e alegria, sempre se mostrando feliz com o desempenho de atividades rotineiras que lhe são impostas. Vemos tais colocações em diversos trechos das Revistas analisadas, como abaixo:

Mulher virtuosa que de manhã à tardinha  
Lava...passa...limpa o fogão  
Que transforma em altar até mesmo o  
fogão...Que trata o carteiro, o lixeiro como  
“irmão”!

[...] E ainda à família dá a prioridade! É meiga  
no trato, é toda amor!...  
(SANTOLIN, 1984, p. 21).

Além de desempenhar as atividades rotineiras, do cotidiano das residências, caberia ainda a Mulher aceitar o desempenho dessas atividades como algo bonito e bom, ou seja, é uma qualidade feminina lavar, passar, limpar, e isso não deve ser rejeitado pelas mulheres. O ideal de mulher que se ocupa de todos os cuidados da família também é reforçado no texto:

Mãe: - palavra pequenina mas que encerra todo mistério, toda alegria, todo plano de Deus, que abençoando a mulher, dá-lha a ventura de dar à luz.

Creio que para nós, mulheres, o Dia das Mães traz-nos como uma nostalgia indefinida, pela menina que fomos, pela mãe que somos.

Parece-nos que foi ontem, que ainda éramos crianças e tínhamos a nos guiar a nossa mãezinha que procurava nos alertar quanto aos perigos, nos educar e levar-nos à Igreja. Quem não se lembra, com saudades, da rotina do domingo: cheirinho do frango, da macarronada, da sobremesa gostosa, do vestidinho engomado, reservado para irmos à Escola Dominical. Deste quadro, a figura imprescindível era nossa mãe.

Quanta estabilidade e ternura.

Hoje somos mães, pela graça de Deus!

Os tempos mudaram. Há uma participação mais ativa da comunidade, dos meios culturais e sociais na formação da personalidade dos filhos. A televisão, o rádio, o cinema, revistas, escolas: jardim a infância, pré-primário, vão moldando nossos pequenos. Há uma mudança de valores, uma evolução de costumes, de uma maneira muito rápida.

Os filhos têm hoje mais liberdade para emitir seus conceitos.

E cabe a nós, mães de hoje, como

às de ontem, alertar, educar, guiar...

Se somos rígidas e firmes, dizemos que não evoluímos, que somos quadradas. Se cedemos em muitos pontos, podemos errar e muito.

É preciso que sejamos sábias.

É necessário que haja diálogo, amor, compreensão, mais do que nunca, um apego com Deus, com a Palavra de Vida Eterna, pois só n'Ele encontramos as respostas e a segurança que os nossos filhos esperam de nós.

Que Deus abençoe a todas as mães a cumprir a sagrada missão de preservar o seu lar: maridos e filhos.

Que a cadeia do amor, iniciada há muitos e muitos anos, tenha continuidade. (CESAR, 1979, p. 02).

O texto, escrito por uma das editoras da Revista, em comemoração ao Dia das Mães, enaltece determinadas características que seriam peculiares ao universo feminino. Dentre elas, podemos observar que a memória da autora se reporta a certas situações: “[...] cheirinho do frango, da macarronada, da sobremesa gostosa, do vestidinho engomado, reservado para irmos à Escola Dominical” (CESAR, 1979, p. 02), como lembranças de atos da Mulher na família, no caso, como atitudes esperadas da Mulher que também seria mãe. Abordagem semelhante é realçada no texto “O que é ser... Mãe”, que está sem indicação de autor, porém, em que temos uma reflexão do que seria a maternidade. Observemos a menção:

Pense em alguma coisa e imediatamente você perceberá que sua mãe a está fazendo. Por exemplo: lavando, cozinhando, encerando, tirando poeira, consertando roupas, dando palmadas, arrumando, ensinando, redecorando, amando, conversando, trabalhando, trabalhando, etc., etc., etc. (O QUE

É SER..., 1979, p. 16).

Como podemos apreender, essa Mulher deveria saber cozinhar, lavar, passar, limpar a casa e ainda educar, moralmente e na fé os filhos. A mulher anjo, mulher santa, aparece por inúmeras vezes na Revista, sendo sempre associada a Mulher que é Mãe e dando o entendimento de que a Mulher somente é útil, se desempenhando corretamente esse papel.

A maternidade é tida como algo natural e inerente ao gênero feminino e, como descrito no trecho acima, como uma missão. “Que Deus abençoe a todas as mães a cumprir a sagrada missão de preservar o seu lar: maridos e filhos.” (O QUE É SER..., 1979, p. 02). Tal Missão é tomada como algo inevitável, natural, inato e do qual nenhuma Mulher pode furtar-se. Rosa (1979, p. 03), na mesma edição, tendo em vista a comemoração do Dia das Mães, reforça o papel missionário da Maternidade, quando realça: “Hoje, festivamente, comemoramos o ‘Dia das Mães’. Este dia é dedicado àquela cuja missão é cheia de espinhos, lutas e revezes, mas é por isso mesmo tão nobre, tão digna e, porque não dizer, divina.” E reforça, no mesmo artigo, trechos abaixo:

Num momento tão significativo como este, que hoje vivemos, é oportuno que cada mãe se coloque diante de Deus e com muita humildade peça ao Todo poderoso Pai que lhe conceda graça para que, fortalecida e orientada por Deus, cumpra com fidelidade e dedicação a tão sagrada missão que lhe foi confiada. [...] (ROSA, 1979, p. 03).

A maternidade é então contemplada como um dom, para o qual estariam aptas todas as Mulheres, pelo simples fato de ter nascido no gênero feminino. Como tais, as Mães devem ser submissas, aceitar todo o sofrimento que lhes sejam conferidos, e devem ser sempre amáveis, cultivando constantemente o amor na família e tratando com desvelo amigos e demais pessoas com as quais

convivessem. A Mulher idealizada é quase um ente sobrenatural, que aceita tudo sem reclamar.

Os trechos acima reproduzidos chamam ainda a atenção para uma outra atribuição conferida às Mulheres: além de serem obrigadas a cuidar da casa, além de estarem imbuídas da Missão materna, ainda deveriam se ocupar da educação dos filhos. A educação, abordada nas revistas, priorizava a formação moral, a qual deveria estar vinculada especificamente à orientação cristã.

Assim, a educação moral, na fé cristã, é compreendida como uma atribuição específica da Mulher. Compreende-se que somente à Mãe compete esse tipo de educação, uma vez que ela seria a figura de maior influência (e responsabilidade) na constituição da personalidade da criança. Aliás, é comum a existência de palavras, como personalidade, comportamento da criança, no entanto, o entendimento difundido é que compete à família a indução de dispositivos que permitam a disciplina desses atores sociais, para que todos possam desempenhar corretamente o seu papel social. Coerente com esse entendimento, o texto de Damião (1979) ressalta que a personalidade infantil provém, essencialmente, da influência da Mãe:

[...]a influência da mãe sobre os filhos é maior do que qualquer outra, pelas seguintes razões: 1.a – Contacto mais longo. 2.a – Contacto constante quando a plasticidade da criança é maior (primeiros anos de vida). 3.a. – Porque nenhum educador tem mais carinho e vontade do que a própria mãe. (DAMIÃO, 1979, p. 15).

Além disso, não haverá jamais alguém que tenha mais aptidão para a educação do que as Mães. Aliás, nesse trecho, o pai ou outras figuras parentais sequer são citados. Outra perspectiva bastante semelhante é destacada na produção de 1977, no texto de Vicentini

(1977), em que a autora examina o comportamento de crianças. Sua análise indica os responsáveis pela adoção de determinadas condutas infantis: “[...] os fatores familiares influem em 75% (60% são dependentes da mãe e 15% do pai); 10% são influências da escola e 15% outros fatores, tais como TV, grupos de convivência, etc.” Acrescenta: “Se as crianças vão mal, é sinal que os lares vão mal [...]” (VICENTINI, 1977, p. 24). A justificativa para tais argumentos seria o exercício profissional da autora como professora, ou seja, não há nenhum estudo ou embasamento científico que justificasse tais colocações.

Obviamente, a família como um todo exerce influência no desenvolvimento e na personalidade infantil, entretanto, há uma série de outros fatores que colaboram para a constituição da subjetividade do ser humano. Nesse caso, é um reducionismo de monta restringir o desenvolvimento infantil à influência materna, ao passo que também recoloca sobre a Mulher uma responsabilidade ilimitada no que concerne ao tipo futuro de pessoa que será formada.

Por conseguinte, a Mãe cristã tem deveres a desempenhar, e estes devem fazer com que a Mulher exerça o cuidado dos filhos, mantendo a sua saúde, seu bem-estar e também sua educação; a propósito, conforme um dos textos, “[...] a educação deve ser integral: e é tríplice: a) educação intelectual; b) educação moral; c) educação espiritual.” (DAMIÃO, 1979, p. 15). O dever moral é destacado como aquele que ofereça aos filhos parâmetros de honestidade, trabalho e exemplo da fé cristã. Para isso, as Revistas evocam a presença da Mulher em casa. O texto de Fernandes (1979) chama a atenção para o tempo que a Mulher destina aos seus filhos. Ressalta a importância da vivência cotidiana e, apesar de não se contrapor ao trabalho feminino, faz menções enfáticas de que a Mulher deveria permanecer no espaço doméstico.

Além da Revista, importante dispositivo para a difusão de um perfil idealizado de Mulher, havia também Congressos de Senhoras, organizados anualmente e que ofereciam orientações de como ser uma boa esposa. Na publicação de 1977, as Mulheres são chamadas a comparecer ao VI Congresso Nacional da Igreja Presbiteriana Independente, que aconteceria em Curitiba e no qual seria abordado, entre outros temas: “a) crescimento do amor no LAR (relacionamento entre os cônjuges e entre pais e filhos).” (CONFEDERAÇÃO..., 1977a, p. 02). No anúncio chamando as Mulheres, há observação de que haverá palestrantes especializadas nos temas familiares, entretanto, o articulista não deixa claro qual seria (se é que havia) a formação dessas palestrantes.

Isso nos remete a uma análise, ainda rudimentar, da questão Mulher e Trabalho. Nos quatro números da Revista analisados, não temos nenhuma menção com relação a trabalho e estudo feminino. Todos os artigos direcionados à Mulher reforçam tão somente seu suposto papel materno, no qual estaria pressuposto o cuidado da casa, do marido e dos filhos. Obviamente, há homenagens a profissões como Zelador, na Revista de 1974, Aviador, Médico, na edição de 1979. Esses artigos sempre são direcionados ao gênero masculino. No âmbito da formação profissional, vemos que há autoras da Revista que se descrevem como professoras e há também uma homenagem à Enfermeira, na edição de 1979. Assim, a forma de construção das homenagens indica a existência de profissões que poderiam ser desempenhadas por Mulheres e profissões que já estariam restritas ao universo masculino. Porém, não há artigos que estimulem ou defendam a necessidade de formação e trabalho da Mulher.

A questão da Mulher na Igreja, ou melhor o quesito Mulher e Igreja, nos aponta duas direções: primeiro, a mulher,

em geral leiga e que atua na Igreja; e, segundo a Mulher que é casada com o Pastor. Ambas conferem importantes informações de como a Mulher era compreendida da dinâmica da Igreja Presbiteriana Independente, nos diferentes contextos.

Com relação à Mulher em geral, ela é tomada sempre como um reforço às atividades da Igreja. As atividades mais citadas na Revista estão ligadas à evangelização, ao trabalho nas escolas dominicais e ao coral. São representativas as colocações dispostas nos textos da edição de 1977 (b, c), na coluna Galeria Heroínas da Fé. Essa seção dedica-se a apresentar exemplos de Mulheres que são tidas como referência na Igreja e que, por conseguinte, deveriam ser imitadas pelas demais. Em um dos artigos de 1977 (c), é apresentada Lydia, que reuniria os seguintes atributos: ter sido professora da escola dominical, ter feito parte do coral da Igreja, ter atuado como Mãe de Betel, a qual seria uma ocupação para aquelas que evangelizavam jovens. Lydia é retratada como esposa ideal, mãe e uma devota aplicada na Igreja. Além de Lydia, na mesma edição e somente em página diversa, na sequência, é apresentada a história de Francisca, por sua vez, viúva de um pastor e que apresentava uma participação bastante ativa dentro da Igreja. Sua postura esteve expressa em práticas de evangelização, mas nunca em cargos de destaque ou de poder.

A questão da participação feminina na Igreja foi abordada no texto de Santos (1977), em que o Reverendo focaliza exemplos de mulheres com grande poder na Igreja Presbiteriana Independente, no exterior. O autor apresenta as mulheres e faz uma tímida pontuação quanto à possibilidade de serem partilhadas as decisões da Igreja com as Mulheres. Nessa perspectiva, o artigo de Nogueira (1984) vem no sentido de ampliar a discussão sobre a relação firmada entre as Mulheres e a Igreja. Nesse texto, o autor nos chama a atenção à

medida que reivindica maior respeito ao trabalho feminino desenvolvido dentro da Igreja Presbiteriana Independente. A argumentação pede até maiores recursos para as ações de evangelização realizadas por mulheres. Na mesma página, abaixo dessa matéria, há uma carta encaminhada pela Igreja de Florianópolis, na qual é indicada a necessidade de serem viabilizados outros espaços de participação feminina, dentro da Igreja, ressaltando inclusive a necessidade de que as mulheres opinem até na questão da remuneração dos pastores.

Já com relação às Mulheres de Pastor, vemos que, na Revista de 1977, há vários textos que discutem esse “assunto”. O texto “25 anos de Ministério como esposa” apresenta uma Mulher que foi sempre auxiliar para os atos do Marido, Pastor. A narração indica que a Mulher o auxiliava em seus estudos, não reclamava das horas de trabalho que o Marido dedicava à Igreja e também colaborava com a elaboração de documentação da Igreja, como relatórios descritivos de atividades. O texto de Damião (1977) também reforça o quão importante é a aceitação do Pastorado do Esposo, o que já requer que a Mulher ocupe uma posição secundária na Igreja, na qual sempre será uma auxiliar.

Além da tácita aceitação da atividade do esposo, a Mulher ainda precisava desenvolver habilidades, como saber cantar, saber declamar e, sobretudo, servir a comunidade dos crentes em tudo que lhes fosse necessário. No entanto, essa Mulher deve sempre sentir-se feliz e satisfeita com o seu lugar ocupado dentro da Igreja. Obviamente, essa Mulher deveria ser uma esposa feliz, que cuidasse também da casa, dos filhos e do marido. Portanto, somente o homem poderia ter condições de ocupar um cargo de destaque, como o de pastor.

### Considerações Finais

A natureza do presente texto impediu uma análise mais crítica dos

resultados alcançados por meio da pesquisa. No entanto, o estudo dos números da Revista em pauta nos permitiu compreender que a Mulher retratada e idealizada é a Mulher preparada para o casamento heterossexual. Por conseguinte, os artigos que abordam a inserção familiar da Mulher indicam a necessidade de que ela cuide da casa, do marido e dos filhos. Para isso, é preciso saber lavar, passar, cozinhar e fazer tudo isso sentindo-se feliz e não mensurando esforços para que pudesse cumprir a missão para a qual foi designada.

A maternidade emerge, assim como o casamento heterossexual, como algo que não pode ser mudado. A Mulher, Mãe, deve se ocupar da sobrevivência da família e ainda deve empreender todos os esforços quanto necessários para oferecer aos filhos também uma sólida formação moral, assentada nos princípios cristãos difundidos pela Igreja Presbiteriana. Como grande parte de sua ocupação é no lar, naturalmente, não há tempo e condições para que a Mulher trabalhe. A sua ocupação deve estar restrita aos afazeres domésticos.

Na Igreja, a Mulher ocupa um lugar de segundo escalão. A Mulher pode e deve trabalhar em prol da evangelização e precisa atuar no coral, nas escolas de formação dos cristãos, todavia, sua participação termina aí. Até final dos anos 80, a Mulher não tinha nenhum direito de participar nas decisões mais sérias da Igreja. Por conseguinte, a Mulher, assim como a Mulher do Pastor, é somente um acessório, algo que não tem direito a uma ampla participação mais efetiva na Igreja.

### Referências

- ALVES, A. B. Esposa de Pastor. **Alvorada Feminina**. São Paulo, v. 4, p. 11, out./dez. 1977.
- O QUE é ser... Mãe. **Alvorada Feminina** – 21 de Abril – Dia da Faculdade Presbiteriana Independente de Teologia. São Paulo, v. 02, p. 16, abr./jun.1979.
- O TEMPO de Deus e o Nosso Tempo. **Alvorada Feminina**. São Paulo, v.04, p.26-29,

out./dez.1984.

BUTTONI, D. S. **Mulher de Papel: a** representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus, 2009.

CAMARGO, E. de S. Onde está o Lar? **Alvorada Feminina** – 21 de Abril – Dia da Faculdade Presbiteriana Independente de Teologia. São Paulo, v. 02, p. 22, abr./jun.1979.

CESAR, W.de O. Em Tom de Conversa – Dia das Mães. **Alvorada Feminina** – 21 de Abril – Dia da Faculdade Presbiteriana Independente de Teologia. São Paulo, v. 02, p. 3, abr./jun.1979.

CONFEDERAÇÃO Informando. **Alvorada Feminina**. São Paulo, v. 4, p. 02, out./dez. 1977a.

DAMIÃO, M. C. Crônica do Dia-a-Dia – Precisa Declamar. **Alvorada Feminina**. São Paulo, v. 4, p.9, out./dez. 1977.

DAMIÃO, P. C. Mensagem às Mães. **Alvorada Feminina** – 21 de Abril – Dia da Faculdade Presbiteriana Independente de Teologia. São Paulo, v. 15, p. 3, abr./jun.1979.

FERNANDES, Y. N. Você tem tempo para seu filho? **Alvorada Feminina** – 21 de Abril – Dia da Faculdade Presbiteriana Independente de Teologia. São Paulo, v. 12, p. 3, abr./jun.1979.

GALERIA de Heroínas da Fé – D. FRANCISCA GARCIA TEIXEIRA. **Alvorada Feminina**. São Paulo, v. 4, p.18, out./dez. 1977b.

GALERIA de Heroínas da Fé – D. LYDIA

LOPES BRAUN. **Alvorada Feminina**. São Paulo, v. 4, p.19, out./dez. 1977c.

GONÇALVES, E. F. 25 Anos de Ministério como Esposa. **Alvorada Feminina**. São Paulo, v. 4, p.8, out./dez. 1977.

NOGUEIRA, Y. P. do V. Do coração do VIII Congresso Nacional – Carta Aberta à Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. **Alvorada Feminina**. São Paulo, v.04, p.20-21, out./dez.1984.

ROSA, M. A. O Dia das Mães. **Alvorada Feminina** – 21 de Abril – Dia da Faculdade Presbiteriana Independente de Teologia. São Paulo, v. 10, p. 3, abr./jun.1979.

SANTOS, D. E. dos Vida. **Alvorada Feminina**. São Paulo, v. 4, p. 25, out./dez. 1977.

SANTOS, E. dos Um Novo Tempo na Vida da Igreja pela Atuação das Mulheres. **Alvorada Feminina**. São Paulo, v. 01, p. 17, jan./mar. 1974.

SANTOS, R. de C. O Nosso tempo é Agora. **Alvorada Feminina**. São Paulo, v. 01, p.21, jan./mar. 1974.

SANTOLIN, E. S. Carta Aberta. **Alvorada Feminina**. São Paulo, v. 04, p. 21, out./dez. 1984.

VICENTINI, E. C. Vale a pena esperar um pouco. **Alvorada Feminina**. São Paulo, v. 4, p. 8, out./dez. 1977.